

# CASAMENTO NA ROÇA

PLÍNIO CARNEIRO

O povoado é pequeno, apenas uma rua que percorre a encosta do morro; as casas velhas, chegadas uma nas outras. Aqui, a ruela sofre um rebaixamento, deixando os alpendres mais elevados; logo a rua se endireita e segue até o pé da igreja, construída lá no alto. De um lado, a subida a prumo, de terra batida; do outro, os moradores fizeram um calçamento, que acaba numa escada de laje.

À volta de Cláudio Manoel de Boa Vista, as montanhas fazem a moldura verde: tudo é isolamento e até os moradores andam sôzinhos, ensimesmados, monologando. Ao longe, a Casa Nova, que já teve a glória de ser uma fazenda dentro do arraial: agora está velha e feia, a pintura descascando, o rebôco caindo — de bonito só o bambuzal, a roda do moinho, a água girando.

Aqui se respira o antigo. É velho o negro que passa com um chicote na mão, a carapinha branca — tem 92 anos e anda de peito erguido, sem tropeçar; são velhas as empregadas da casa de Candinho, debruçadas no fogão de lenha — a idade delas varia entre 90 e 100 anos, são ex-escravas. É antigo o jeito do povo que entra nas vendas; até os burros passando, carregados de lenha, de verduras, têm um andar, um gingado do passado.

Meus olhos citadinos vão relembrando casas, roçados, fazendas. Na lembrança, só a imponência da Casa Nova,



madicia

aumentada mil vêzes de tamanho e importância pela ausência de 30 anos. Meus olhos de criança deram ao arraial e à fazendinha uma dimensão de metrópole e de arranha-céu. Qual o quê. É um povoadozinho perdido no mato; é uma casa velha — grande, apesar de tudo — mas apenas uma casa velha e feia.

No ar, um cheiro de comida cozinhada com lenha: o feijão na panela de pedra, a verdura fresca, o toucinho, a farinha de moinho, a banda de leitão. Nas portas, agachados, os velhos fumam cigarros de palha, o fumo cortado e ralado na palma da mão. O lugar, ô lugar.

---

— Cumé, Candinho, a Neiva casa ou não casa?

O pai da noiva, em cima da hora do casamento, está de cócoras na porta da casa, a camisa quadriculada, uma penca de chaves pendurada na cintura.

— Tamos esperando o padre, que vem lá de Barra Longa.

A tranqüilidade do povoado parece que se transferiu para a família da noiva, que trança pelas salas e quartos, como se nada fôsse acontecer de importante. Na despensa, os comes e bebes já se amontoaram nas mesas, nas cômodas, nas prateleiras: será um autêntico casamento na roça — bebida e comida à farta.

A noiva ainda está de chinelo, um vestido velho, o cabelo enrolado no alto da cabeça. O noivo nem vi ainda: dizem que êle é lá de Niterói e que está hospedado na casa de um tio, que mora em Cláudio Manoel de Boa Vista, nome tão importante para um povoado tão minúsculo.

— Cumé, vocês chegaram bem?

— Ah, eu passei por Acaiaca. Saí de Ouro Preto, cheguei perto de Barra Longa e fui perguntando, se bem que não se consegue errar o caminho. Só atolei uma vez, quando ia sair de um riacho, mas o Volks saiu bem. A Bete é que ficou apa-

vorada com a estrada, que parece ser boa mas para carro-de-boi.

— Ainda bem. Se você viesse por Santa Bárbara não passava. O rio encheu muito e até os caminhões estão presos, sem poder vir buscar o leite. Gozado, nunca vi chover nesta época do ano. Geralmente em julho é só frio e não essa chuvinha chata.

Candinho divaga e passa ao diz-que, contando casos de família. “Diz que êsse velho aí foi colega de seu avô em andanças por Cata-Prêta. De uma coisa eu lembro: quando eu era menino, vi seu pai, Chichico Carneiro, que era rapaz de vinte anos, com um bôlo de notas de 500 mil réis no bôlso, cada nota dêste tamanhão. Êle tava com dez contos, dinheiro que dava para comprar duas fazendas na época. Me lembro também de muita coisa, seu irmão Murilo, brigador; Lalau e Lêda; Manêzinho, e até você, que era um tiquinho de gente”.

Um jipe, com a palavra taxi sôbre a capota, vem descendo a única rua de Cláudio Manoel de Boa Vista. Deve ser o padre, falo com Candinho. Mas êle nem se mexe, respondendo que o padre vem é de Rural, que foi à Barra Longa há uma hora e só volta daí a duas.

O casamento estava marcado para às 13 horas e já são 14. Ninguém está importando, nem o noivo, que já comprou passagem, em Ponte Nova, para viajar às 18 horas. Candinho continua sentado na escada do alpendre, relembando coisas do tempo-do-onça, contando histórias da família: quantas cabeças de gado a gente possuía, quantas léguas de terra.

— Sabe, parece que vai chover mais. E isto é um perigo pra vocês. A passagem para Santa Bárbara não adianta nem tentar, e o caminho para Acaiaca vai ficar bem ruinzinho.

As nuvens prêtas já encobrem os montes, um cheiro de chuva vem no ar e já vou ficando preocupado. Candinho fala que, com chuva, até os cavalos têm dificuldades; os fios-d'água viram riachos, os riachos viram ribeirão — no fim é um rio grosso, cheio de lama, de tocos, de perigo. Olho o Volks, tão baixinho, frágil, estacionado ao lado da casa velha. “Ê, tá feio”.

A chuvinha começou a cair quando o padre chegou de Rural. Um padre com cara de menino, falando que viajara de Governador Valadares para Barra Longa e nem tivera tempo de descansar. As empregadas de Candinho — religiosas ao extremo, cada uma fazendo parte de cinco ou seis irmandades — olham desconfiadas para o rapaz de terno, cara imberbe. “Credo-em-Cruz, será que êste menino é padre mesmo. E quede a batina?”.

Todo mundo já está vestido para o casamento, as roupas domingueiras tiradas das canastras, o cortejo a pé até a Igreja, debaixo da chuva rala e fria. Padre aqui é figurinha difícil, só mandando buscar em Barra Longa, em Santa Bárbara, Ponte Nova, Mariana ou Ouro Preto. Padre só quando há casamento, ou batizado, ou quando algum fazendeiro mais rico quer rezar a missa.

Para subir o morrinho da Igreja, uma luta. A chuva lavava a terra, que virava barro, que virava sabão, de tão escorregadia. A noiva, de vestido de gaze, subiu de Rural, e depois levantou as saias e os véus. Na Igreja, minúscula, a madeira já descascada do teto deixa ver a data de construção: 1892. Trinta bancos de um lado, trinta do outro, a gente do povoado se apinhando nas tábuas do piso, que rangem.

O padre fala alto e Candinho está preocupado, porque há um casamento de prêtos marcado para a mesma hora. O noivo prêto parou atrás do casal branco, à espera da noiva, que está demorando, tem que vir de cavalo desde a fazenda.

A preocupação racial de Candinho demora pouco, o tempo de o padre, novinho e risonho, acabar a cerimônia. A noiva prêta já chegou, mas não pode interromper o casamento: vai casar depois de Neiva e Domingos, os brancos, donos de Cláudio Manoel de Boa Vista.

A descida, pior que a subida. Escorregões, quedas, vestidos e ternos azul-marinho manchados de terra. Os montes à volta do arraial já estão cobertos de nuvens negras, a chuva cai sem parar, mas ainda fininha, chuva de julho.

Na casa de Candinho, a festa de casamento, mesa farta, cerveja muita, gente de todos os tipos na despensa, fazendo Iaiá, a mãe da noiva, correr de um lado para outro, com leitões, frangos, farofas, tutus, arroz-de-fôrno — um milhão de coisas boas. A única casa do povoado que tem luz elétrica é a de Candinho, o resto é só escuridão. Os noivos já viajaram para Ponte Nova, a mãe já chorou: agora é só festa, risadas, casos acontecidos e inventados, mocinhas de minissaia — nem sei como a moda chegou até Cláudio Manoel de Boa Vista.

— Ô Candinho, será que vai dar para eu passar, de Volks, na estrada de Acaiaca, com essa chuva tôda?

Candinho cheira o tempo, olha para o céu negro e coça a cabeça.

— Parece que a chuva vai continuar. E se continuar os riachos vão virar rios; aí seu carro não passa mesmo.

Minha preocupação já se transferiu para Elisabeth e dona Emérta, que vão voltar comigo. Começo a indagar aos donos dos jipes como voltar, falando do mêdo de atolar.

— Olha, vai sair um jipe agora, com seus parentes de Ouro Prêto: Eldézia, o marido dela, Maria e Ida. Se você quiser pode ir com êles. O seu Ibrahim, dono do jipe, me falou que se o Volks atolar o jipe arrasta.

O motorista do jipe-taxi, baixinho e troncuado, fala que pode ajudar, e o chofer do caminhão de leite, Toninho, acha melhor a gente sair agora, enquanto a chuva não deu para fazer enxurrada.

Ê preciso comprar uma corda bem forte; é preciso mudar de roupa, fazer as malas, juntar o pessoal. E logo eu, que não gosto de dirigir à noite, ainda mais com chuva, sem estrada, com barro, atolamentos e tudo o que a imaginação medrosa pode construir.

O povoado está escuro como breu. Não se vê nada, apenas o farol do Volks ilumina o caminho que sai de Cláudio Manoel de Boa Vista, os faroletes do jipe sumindo em cada

curva. No carro, eu, Bete, dona Emérita e a menina Patrícia; no jipe, seu Ibrahim, Eldézia — grávida de sete meses, que loucura ter vindo — o marido Vicente; a mãe da moça, Maria, e a tia, Ida. Dentro dos veículos, a luz fraca do painel, as conversas; fora, o breu, os coelhos saltando para as margens da estradinha, a chuva caindo sem parar.

---

Ai que saudades do alfalto, prêto e duro, tão diferente dessa lama tôda, que faz o jipe e o Volk dançarem no caminho. A chuva aumentou e os dois carros só rodam em segunda, a vinte quilômetros por hora, quando muito.

No leito da estrada, a enxurrada aumenta e o jipe joga o barro das rodas no parabrisa do Volks: os dois pontos luminosos tentam vencer a distância, apenas noventa quilômetros até Acaiaca, mas noventa quilômetros de terra molhada, de escuridão. Em certos trechos, nem estrada há — um corredor de barro e água e pedras e muito perigo.

No primeiro atoleiro, o Volks agarra. A corda, limpinha, é desenrolada e presa no parachoque do carro, com um engate para a trazeira do jipe. O Volks sai fácil, fácil, com a tração de quatro rodas do jipe. A corda está marrom num instante, meus sapatos sujam o tapete do carro, a lama entra nas mãos, no isqueiro, no maço de cigarros.

Serpenteando nos morros, dois pontos luminosos sobem e descem, às vezes derrapando, atolando; às vezes vencendo tranqüilamente a lama, as pedras, os tocos, as árvores caídas. E a chuva aperta: ela já fez um riachinho virar ribeirão e quase que o Volks fica com água até na porta.

Agora a estrada está mais fôfa, “êles devem ter patrolado aqui”, pensei, usando o termo de seu Ibrahim, patrolar. E já está demorando muito a chegar naquela casa grande e branca que vi quando passei de manhã. Nós já ultrapassamos a ponte que leva à Barra Longa, depois de tantos riachos e tanta argila mole, e ainda não chegamos perto da tal casa.

Num atoleiro, seu Ibrahim me ajuda a amarrar a corda no jipe, pela terceira vez consecutiva. A estrada fôfa me faz desconfiado, mas nada falo ao motorista do jipe, que tem vinte anos de viagens por êste fim-de-mundo.

— Será que nós estamos certos? Eu acho que a gente tinha de virar lá em cima à esquerda e não seguir à direita.

Seja o que Deus quiser, mas eu tenho a certeza de que não passamos neste riacho onde estou atolado. A roupa está está ensopada, já troquei os sapatos, pesados de terra, por um quedis que estava esquecido no porta-mala do Volks.

De repente, uma porteira. Não me lembro de ter passado por porteiras, na vinda. O jipe pára, o Volks estaciona: eu, seu Ibrahim e Vicente saímos para ver onde estamos. Só sei que não sabemos de nada, além da porteira só a escuridão, total, e o grito do chofer ecoando no êrmo.

— Ô DE CASA!!! TEM GENTE AÍ?!!!!

Nada. Só a escuridão, a chuva caindo, a lama prendendo os pés da gente no chão. Os rostos cansados — saímos às 19 horas e já são 23: a viagem, que era de duas horas, já está em quatro.

O jeito é voltar e pegar uma outra estradinha que dobra à direita. Para virar os carros, uma luta no caminho estreito. A terra molhada atrapalha tudo, até a Bete, dona Emérita e a menina Patrícia estão sujas de limpar o barro que me cobre a roupa.

Na outra estradinha, o piso mais fôfo ainda. E esta é perigosa, margeando um precipício escondido pela escuridão. Mais atoleiros, mais derrapagens — “agora não tem jeito não” — e a estrada terminando em outra porteira. Os dois veículos param de nôvo: no jipe, Eldézia, grávida, está cansada; sua mãe e sua tia estão cansadas — todo mundo está cansado, a tensão envolve a todos.

Seu Ibrahim sobe na porteira, olha o gado no curral e vê uma luz lá longe.



— TEM GENTE AÍ?!!! NÓS ESTAMOS PERDIDOS!!!

A resposta é o silêncio, o eco devolvendo os gritos do motorista, vinte anos de prática em estrada ruim, mas já nervoso e cansado. E seu Ibrahim grita mais forte, tentando vencer o silêncio.

Na ponta do curral, bem longe da porteira, um homem com uma lanterna e um guarda-chuva responde aos gritos.

— CÊS ERRARO. PRA ACAIACA TINHA QUE VIRAR LÁ NAS CURVINAS!!!

— LÁ EMBAIXO? NAQUELA CASA BRANCA?!!!

— É LÁ MESMO. CÊS TÊM QUE VOLTAR DUAS LÊGUAS E DEPOIS VIRAR À DIREITA!!!

O diálogo, aos gritos, ecoa nos montes, na escuridão silenciosa. Nós — eu, Vicente, dona Emérita, Bete, Patrícia, Eldézia, Maria e Ida — só escutando, cansados, sem ânimo nem para conversar.

O perigo acompanha os carros, na busca da estrada certa. O piso fôfo está mais mole, as rodas afundam e derrapam na lama, o Volks roda de banda, agarra no barranco, e a corda me corta as mãos, ao ser amarrada mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez.

O jipe virou à direita, numa curva da estrada, e eu virei atrás. Não era estrada, mas um descampado, que levava ao abismo. Quando vi, era tarde. O jipe foi caindo, de frente, de lado, de costas — meu Deus, e lá dentro está a Eldézia, com seu menino de sete meses na barriga, o Vicente, a Ida, a Maria, seu Ibrahim. O Volks, jogado no barranco, desce de lado, deslizando, até ficar agarrado num tôco.

O jipe está parado lá embaixo, junto a um monte de carvão, mas de pé; o Volks está agarrado no tôco: à volta a chuva, o despenhadeiro, a lama, o cansaço, a vontade de tudo acabar. Ai que saudades do asfalto, com seu perigo da velocidade excessiva, mas com seu piso duro, sem barro, sem água, sem buracos e precipícios.

— Graças a Deus não morreu ninguém.

É seu Ibrahim que fala, ajudando o pessoal a sair do jipe. No Volks, só eu continuo no volante, freiando no pé e na mão, com medo de o carro continuar a deslizar.

Daqui não sairemos se não houver ajuda, de bois ou de Deus. Carro reboque, como encontrar neste sertão? O jipe tenta, com sua tração nas quatro rodas e com a tração humana. Nada. O Volks, agora amarrado ao tóco, parou de deslizar.

No escuro, lá longe, aparece uma luz. É um colono que traz um lampião e uma enxada. Levou um susto quanto viu os dois carros no despenhadeiro, mas “graças a Deus ninguém se machucou”.

Uma hora tentando sair do buraco, uma hora cavacando o barro, uma hora de lama, e chuva, que molha os nervos que gritam dentro da gente. O jeito é atravessar o riacho e dormir na casa do colono, seu Zeca Martins, até o dia seguinte. Seu Ibrahim, velho naquelas paragens, chora de raiva, enquanto nós atravessamos o riacho — com água até os joelhos — para chegar à casa do colono.

É uma fazendinha perdida no meio do mato, mas com gente de muito boa vontade. Café de rapadura para as mulheres, meia garrafa de cachaça “Mimosa” para os homens. A alegria, pouca, de ter um teto sôbre a cabeça, de tirar os sapatos molhados e enlameados.

Pobreza, a mais pobre que já vi, em tudo. O piso de tábuas largas, as goteiras, a mesa tosca. A mulher do colono e suas filhas oferecendo tudo para nós: uma esteira para dona Emérita, Patrícia, Bete, Eldézia, Ida e Maria; uma poltrona sem enchimento para mim e Vicente. Seu Ibrahim preferiu ficar no jipe, com medo de a água do riacho subir e levar seu veículo.

Molhados, sujos, cansados: ninguém dorme. Os corpos, doloridos, pedem paz, mas onde achar sossêgo naquela situa-

ção. O colono, a mulher, a filha Rosário: ninguém pára de falar, dizendo que foi Deus quem ajudou; que a gente podia ter morrido; que são pobres mas dão tudo para nosso conforto.

A chuva, nas telhas quebradas, dá mêdo. Meia-noite, uma hora, duas, três, quatro. Os corpos pedem cama, roupa sêca; a resposta é o frio, o cansaço, as tábuas duras. Até o riso, nervoso, morre na lembrança do despenhadeiro, dos atoleiros.

Cinco horas, e o galo canta. A noite, longa e fria, chega ao fim. A chuva parou, mas dentro da casa ninguém arrisca o ôlho para fora: o jipe pode ter sido levado pela correnteza, o Volks pode ter deslizado até cair do barranco. Tudo se embola no pensamento de uma noite inteira sem pregar ôlho.

---

Quatro bois — Orgulho, Manhoso, Valente e Guerreiro — se encarregam de tirar o Volks do despenhadeiro e levá-lo para a estrada. As mesmas juntas puxam o jipe para um local mais sêco e o ajudam na subida. O solzinho fraco ilumina a fazendinha, velha e derrubada; o carvão se amontoa à beira do riacho, que agora é apenas um fio-d'água.

No agradecimento ao seu Zeca Martins, a gorjeta gorda pela hospedagem. Muito mais dinheiro do que o que êle ganha em um mês de trabalho pesado, de sol a sol.

Até a estrada certa, mais uma luta, contra a lama, que agora é rala, mas escorregadia ainda. Mas cinco atoleiros para segurar o jipe e o Volks, mais riachos para atravessar — a estrada virou leito de rio, à noite, e agora é tôda argila. Mas é uma luta à luz do dia, a gente vendo o que está à nossa volta, sem o perigo da escuridão, que esconde precipícios e buracos.

O barro cobre tudo: o jipe, o Volks, as roupas. O frio, ainda intenso, não deixa a roupa secar. As derrapagens continuam, o cansaço é demais — a cabeça pesada, os braços moidos, as mãos raladas pela corda.

Numa curva da estradinha aparece Acaiaca. Cidadezinha pequena, calçada pela metade. À vista das casas, as rugas vão desaparecendo dos rostos, uma sensação de alívio toma conta do pessoal. As últimas fôrças se reúnem para o sorriso sem jeito. Depois da ponte, o asfalto, onde seu Ibrahim sapateia, tirando o barro da botina.

É o asfalto procurado durante quase quinze horas; é o pesadêlo que fica para trás, perdido na noite de insônia, na odisséia da gente da cidade grande no meio da chuva, do frio, da lama. O povo de Acaiaca vê, espantado, dois veículos, cobertos de barro, estacionados ao pé do asfalto; vê nove pessoas saírem dos carros para o sol, arrancando a lama das roupas, batendo os sapatos nas pedras.

Na porta de saída de Acaiaca, o comêço do asfalto, prêto, duro, cascorento. Aqui começa a civilização, cigarros-de-filtro, terreno firme, Coca-Cola, pôsto de gasolina, estacionamento proibido, velocidade máxima, Mariana, Ouro Prêto, Belo Horizonte.

JULHO DE 1970